

A aposta do Natal

O Natal está cheio de folclore e nem sempre temos consciência do seu significado profundo. Isso devia ser motivo de alguma inquietação: porque é que uma festa que se vivia com tanta intensidade, em tempos que já lá vão, passou a ser, na melhor das hipóteses, uma reunião de família?

O Natal é uma festa religiosa e uma religião é um processo de ligação com o Divino ou, se quiserem, com o mistério da transcendência. É isso: uma mensagem, um rito, uma liturgia que possibilitam a nossa comunicação com um núcleo de mistérios a que chamamos Deus.

Ora, um mistério não é explicável e muito menos pela dialéctica da razão. Digamos que é um mistério indecifrado senão indecifrável. Por muito que custe à nossa mentalidade iluminista, a relação com Deus, não sendo irracional, não se processa no mundo da razão mas num universo de afectos, de sentimentos e de emoções. A Igreja, ao modernizar-se — ia a dizer ao “racionalizar-se” —, não sei se converteu algum intelectual, mas não há dúvida que perdeu muito daquele povo para quem a comunicação com Deus tem que ver com o mundo das emoções: as festas, as romarias, as promessas, as procissões, o culto dos santos, e assim.

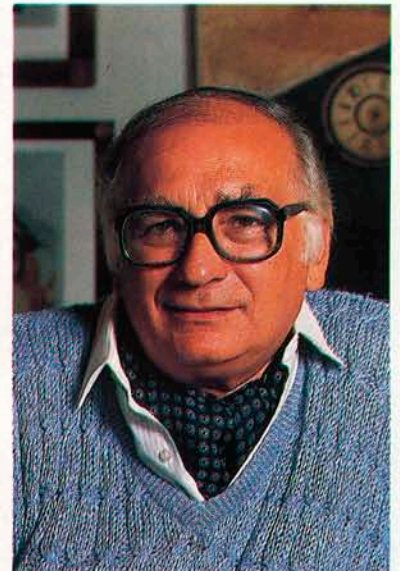
Ora, o Natal está intimamente ligado à acessibilidade dessa ligação. Um Deus com forma e figura humana, participante da nossa humana natureza, constitui o interlocutor possível perante o mistério que se mantém. Quando realizamos a comunicação com Deus, naturalmente através dos meios gerados na nossa própria cultura, e dirigidos a um Deus que tomou a natureza humana, estamos a realizar a comunicação e não a decifrar um mistério. As visões e os

fenómenos para-normais, por reproduzirem no além a cultura do aquém, podem ajudar-nos a decifrar o mistério do homem mas não o mistério de Deus.

Dir-me-ão que é nos tempos de crise que a angústia religiosa aflora. Não digo que não: geralmente, as nossas inquietações espirituais não são compatíveis com a abundância e o bem-estar.

Não porque só os aflitos precisem de Deus mas porque a abundância e o bem-estar material criam, muitas vezes, uma espécie de gordura que repele o desejo de Deus. Chesterton dizia: “A razão porque os fantasmas deixaram os velhos castelos da Escócia foi porque as pessoas deixaram de acreditar neles”. É isso: Deus não morre, Deus afasta-se quando ficamos indiferentes à sua chamada.

O que acontece é que muitas pessoas sentem, na sua vida quotidiana, que o mundo das coisas e da razão não responde a todas as suas preocupações — uma espécie de perguntas não formuladas dirigidas ao mundo dos mistérios. Acrescentaria que pretendem uma comunicação inteligível pela natureza humana. Em rigor, o Natal é a festa que comemora a vinda ao mundo desse nosso interlocutor. É a sua mensagem que pode responder ao nosso desejo de paz interior. As pessoas ou confiam ou não. É uma aposta a que temos que responder. Se não confiamos, muitas perguntas continuarão sem resposta e ficamos instalados numa incomodidade existencial que não pode ser o nosso destino. ●



António Alçada Baptista